

---

**Lélia Gonzalez, a intérprete do Brasil. Resenha do livro *Por um Feminismo afro-latino-americano***

*Lélia Gonzalez, the Interpreter of Brazil. Book review of Por um feminismo afro-latino-americano*

Autoria: Maira Luana Moraes

 <https://orcid.org/0000-0002-3437-5930>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.189018>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/189018>

Recebido em: 31/07/2021. Aprovado em: 31/07/2021.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

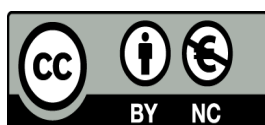
---

**Como citar (ABNT)**

Moraes, Maira Luana. Lélia Gonzalez, a intérprete do Brasil. Resenha do livro *Por um Feminismo afro-latino-americano*. *Opiniões*. São Paulo, n. 18, p. 577-584, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.189018>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/189018>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

---

# lélia gonzalez, **a** intérprete do brasil. resenha do livro por um feminismo afro- latino-americano

Lélia Gonzalez, the Interpreter of Brazil. Book Review Por um feminismo afro-latino-americano

**Maira Luana Moraes<sup>1</sup>**

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.189018>

---

<sup>1</sup> Maira Luana Moraes é mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).  
E-mail: mairaluana\_morais@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3437-5930>.

**Resumo**

Lélia Gonzalez, a intérprete do Brasil. Resenha do livro *Por um Feminismo afro-latino-americano*

**Palavras-chave**

América Latina. Mulher negra. Feminismo. América. Brasil.

**Abstract**

*Lélia Gonzalez, the Interpreter of Brazil. Book review of Por um feminismo afro-latino-americano*

**Keywords**

Latin América. Black woman. Feminism. América. Brazil.



*“Lélia Gonzalez é uma intérprete do Brasil, e esse é um lugar que os intelectuais negros ainda não conseguiram ocupar na sociedade brasileira”.*

Márcia Lima<sup>2</sup>

*Democracia racial? Nada disso!*<sup>3</sup> O silenciamento dos subalternos na sociedade brasileira está calcado no colonialismo e em toda uma complexa estrutura de exploração. A identidade nacional foi arquitetada sob o signo do homem branco, excluindo a importância fundamental do homem negro – e também indígena – na construção de nossa nação. Por este motivo, existências, corpos e pensamentos de pessoas negras e indígenas foram aniquilados e não coabitam os espaços de enunciação considerados legítimos no ocidente. Incontáveis são as contribuições culturais, sociais e intelectuais lançadas na cova do epistemicídio<sup>4</sup>. O trabalho e a produção de Lélia Gonzalez é uma dessas contribuições sobre a qual o racismo, entremeado ao sexismo, tentou desferir sua atroz pá de terra. Entre-tanto, a potência de suas ideias ressoou no além-fronteiras – “por que vocês precisam buscar uma referência nos Estados Unidos? Eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo?”<sup>5</sup> – e se materializa na coletânea inédita *Por um feminismo afro-latino-americano*, aqui apresentada, cujo nome foi tomado de empréstimo de um dos seus ensaios, no qual está centralizado, de alguma forma, a base do pensamento e crítica da produção da autora:

Nosso compromisso, portanto, é no sentido de que, ao refletir sobre a situação do segmento negro como parte constitutiva da sociedade brasileira (ocupando todos os espaços possíveis para que isso ocorra), ela possa olhar para si e reconhecer, em suas contradições internas, as profundas desigualdades raciais que a caracterizam. (GONZALEZ, 2020, p. 139).

Este livro, organizado pelas professoras e pesquisadoras Flávia Rios e Márcia Lima, ordena, em três partes, quase vinte anos de produção (1975 a 1974)

<sup>2</sup> MERCIER, Daniela: Lélia Gonzalez, onipresente. *El país*, 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>. Acesso em : 30 de julho de 2020.

<sup>3</sup> Título de um dos artigos que compõe a parte “Intervenções” do livro *Por um feminismo afro-latino-americano*.

<sup>4</sup> Este conceito foi criado por Boaventura de Sousa Santos. No Brasil, ele foi estudado e difundido pela intelectual Sueli Carneiro.

<sup>5</sup> Fala de Angela Davis no lançamento de sua autobiografia “A liberdade é uma luta constante” no Brasil, São Paulo.

da autora. Na primeira parte do livro, encontra-se os “Ensaio” de Lélia Gonzalez. Na segunda parte, nós teremos contato com suas “Intervenções”, falas públicas, discursos e até texto em prosa, como o que abre a seção, e, por fim, na terceira parte, “Diálogos”, entramos em contato com inúmeras entrevistas da autora. Com uma ampla formação acadêmica, Lélia Gonzalez foi professora, filósofa, historiadora e antropóloga. Ela foi ainda Co-fundadora do instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, do movimento Negro Unificado e do Olodum, participou da fundação do PT e fez parte do primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Sua trajetória de vida é fundamental na formação intelectual e política de mulheres, em especial as negras. Percebemos, ao entrar em contato com esta obra, que sua produção acadêmica e intelectual foi tecida rente às suas vivências, vida e obra se entrecruzam para dar sentido a sua militância. Décima sétima filha, dentre dezoito irmãos, ela alcançou, em sua época, um patamar que não era comum às mulheres negras, sua mãe fora empregada doméstica. Descobriu-se negra quando se deu conta de que o saber europeu e a máscara da branquitude não a tornava branca, pois sua pele sempre seria sua marca identitária.

Racismo, classe e sexismos são três linhas mestras que se interseccionam em sua obra. É por meio dessas que ela compreende a situação das mulheres na sociedade patriarcal e seu olhar, atento para as fraturas presentes na sociedade, capta as contradições internas do feminismo latino-americano. Dando destaque à dimensão racial na situação das mulheres na América Latina, Lélia Gonzalez denuncia a exclusão das negras e indígenas dentro do movimento feminista.

O que realmente encontramos ao ler os textos e a prática feminista são referências formais que denotam um tipo de esquecimento da questão racial. [...] tanto o sexismo como o racismo partem de diferenças biológicas para se estabelecerem como ideologias de dominação. A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonial. (p. 141)

Para fundamentar a sua resposta, ela se vale de duas categorias do pensamento lacaniano: *ifans* e *sujeito suposto saber*, que, segundo ela, nos levam à questão da alienação no feminismo. A primeira categoria refere-se à constituição psíquica da criança, que, ao ser chamada pelo adulto na terceira pessoa, passa por um processo de exclusão. Seguindo a lógica do adulto, a criança não se reconhece enquanto sujeito e refere-se a si mesmo na terceira pessoa. Assim, também nós, mulheres, assevera Lélia Gonzalez, somos definidas pelo “sistema ideológico de dominação que nos infantiliza”(p.141). Quando esse nos impõe “um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história (idem)”. Essa é a estrutura do *sistema patriarcal-racista*, sendo assim, para a autora, um feminismo coerente com sua própria ideologia não pode ignorar a questão racial. Em diálogo com Franz Fanon e Albert Memmi, que apresentam os

mecanismos psíquicos do colonizado, Lélia Gonzalez utiliza a segunda categoria de Lacan para se referir às identificações fantasiosas que são estabelecidas com determinadas figuras, o que explica a superioridade atribuída ao colonizador pela pessoa colonizada. Para a autora, é preciso compreender e identificar, no movimento feminista, o eurocentrismo e o seu efeito neocolonial, pois estes são formas de alienação presentes em teorias e práticas que deveriam ser libertadoras.

Lidar, por exemplo, com a divisão racial do trabalho sem articulá-la com a correspondente a nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco. Falar de opressão à mulher latino-americana é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas (p.142).

Ao refletir sobre o racismo nas Américas, Lélia também distingue dois tipos de racismo: o dos Estados Unidos, caracterizando-o como aberto, escancarado, pois, de imediato, ele estabelece rígidas barreiras sociais e raciais, em que os descendentes de pretos, tendo pele clara ou escura, são considerados pretos. Lá, não há, como aqui, a ilusão de uma democracia racial. Para ela, esse tipo de racismo explica os avanços e as conquistas das comunidades afro-americanas presentes no país, já que, ao saber quem é dentro daquela estrutura social, a pessoa preta pode, facilmente, se mobilizar e lutar. Já no Brasil, o que o caracteriza é o racismo por denegação, este, considerado por ela como sendo mais sofisticado, apoia-se no mito da democracia racial. Tendo como fundamento a ideia da miscigenação harmônica, este mito não permite que se tenha uma consciência das práticas concretas e violências do racismo, constitui-se, portanto, uma neurose cultural, que pode ser caracterizado pela identificação do dominado com o dominador. Ao dizer isso, Gonzalez aponta para a eficácia do discurso ideológico, que viabiliza e perpetua a reprodução de um conjunto de práticas racistas tanto pelo beneficiário, o homem branco, quando pelo prejudicado, o homem negro. Um dos problemas que se apresentam quando acreditamos que somos todos iguais, diz Lélia Gonzalez, é que o dominador ganha respaldo para manter a sua ignorância em relação ao grupo dominado.

É importante destacar que a eficácia da estrutura do racismo, segundo a autora, está na divisão racial do trabalho e nas formações socioeconômicas capitalistas. Neste ponto, Lélia Gonzalez articula racismo e classe social, defendendo que o racismo é um dos critérios mais importantes para distribuir as posições na estrutura de classe e no sistema de estratificação, ele também determina a distribuição geográfica da população negra e o acesso à educação. Nessa lógica, no capitalismo monopolista, a população negra constitui a massa marginal<sup>6</sup> crescente

---

<sup>6</sup> No artigo, “Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher”, Lélia Gonzalez se baseia nas teses desenvolvidas por José Nun ao analisar os conceitos (pensando na América Latina): superpopulação relativa; exército industrial de reserva e massa marginal.

e, no capitalismo industrial competitivo, ela é o exército industrial de reserva, ou seja, em todos os sistemas, ela está localizada na base da pirâmide social.

De sua profícua obra, nós não poderíamos deixar de abordar os conceitos - *América* - *amefricano* - *amefricanidade* - *afro-latino-americano*, já que, por meio deles, a autora situa o Brasil no contexto global e cria uma identidade junto aos outros países da América Latina. Este é um conceito que também questiona o imperialismo dos Estados Unidos por se apoderar da América, como se os outros países do continente também não fossem a América, e do termo *afro-american*, particularizando, neste último caso, a questão negra.

Lélia Gonzales é a intérprete do Brasil, fundamento necessário para repensarmos paradigmas epistemológicos e conseguirmos lograr descolonizar as nossas estruturas de pensamento. Sua produção nos mostra um olhar atento para as dinâmicas sociais e evidencia a perspicácia da intelectual de antes-ver, observar, organizar e expor as contradições presentes na sociedade brasileira, e mais: para isso, ela questionou o que estava estabelecido, enquanto metodologias de análise da sociedade e referências ontológicas, e desenvolveu - também reformulou - novos métodos e categorias analíticas para compreender as relações sociais. Em um momento que preponderava, no Brasil, os estudos centrados na Europa, tentando, a todo custo, forjar uma familiaridade entre os dois continentes, Gonzalez pensou o Brasil, a América Latina e a África para além dos olhos letíferos do colonizador. O resultado disso é uma episteme atual que serve para entendermos as relações raciais, de classes e gênero presentes, hoje, na nossa sociedade.

Lélia Gonzalez é um clássico. Ao se debruçar sobre a situação da população de cor, ela contornou a razão ocidental, presente nos trabalhos da época que excluía a participação efetiva dos negros no sistema político, cultural e econômico. Ultrapassando os efeitos do neocolonialismo cultural, essa intelectual rejeitou a “transposição mecânica de interpretações de realidades diferentes às sofisticadas articulações “conceituais” abstratas” (p.31). Quem, como ela, com tanta coragem, inteligência e ousadia, estilhaçou a máscara do colonizador, tirou as vendas da branquitude e leu o Brasil com tamanha coerência?

## referências bibliográficas

GONZALVEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MERCIER, Daniela: Lélia Gonzalez, onipresente. El País, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>. Acesso em: 30 jul. 2020.